



Memória, silêncio e trauma em *Quero viver... memórias de um ex-morto*, de Joseph Nichthauser: marginalização e opressão

Memory, silence, and trauma in Joseph Nichthauser's *Quero viver... memórias de um ex-morto*: marginalization and oppression

Vanderléia de Andrade Haiski¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar o trauma e o silêncio e a sua relação com a memória do Holocausto na narrativa de testemunho *Quero viver... memórias de um ex-morto* (1976), do judeu-brasileiro Joseph Nichthauser. Considerando o contexto de opressão e marginalização em que viviam os judeus durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), este livro narra a fuga e os deslocamentos de seu autor, juntamente com familiares e amigos, em vários campos de concentração nazistas.

Palavras-chave: Memória. Trauma. Opressão. Marginalização. Joseph Nichthauser.

Abstract: This essay aims at analyzing the trauma and the silence and its relationship with the memory of Holocaust in the Brazilian Jewish testimony Joseph Nichthauser's *Quero viver... memórias de um ex-morto* (1976). Departing from the context of oppression and marginalization in which Jews used to live during the Second World War (1939-1945), this book brings Nichthauser's escape and displacement along with his family and friends in various Nazi concentration camps.

Keywords: Memory. Trauma. Oppression. Marginalization. Joseph Nichthauser.

Quero viver... memórias de um ex-morto é um relato de testemunho publicado, no Brasil, em 1976, e conta a história de vida de seu autor, Joseph Nichthauser, quando foi prisioneiro de vários campos de concentração na Alemanha nazista. O relato desse sobrevivente cobre o período de tempo da Segunda Guerra Mundial, de 1939 a 1945. Quando a guerra teve início, ele tinha onze anos incompletos e pôde assistir à invasão da Polônia, sua terra natal, pelos alemães. Em 1945, graças ao exército norte-americano, foi libertado, aos dezesseis anos e meio. Durante esse período, nos campos de extermínio, presenciou o assassinato de vários amigos e de sua própria família. O livro é dividido em três partes, sendo que, na última delas, conta como foram suas experiências nos oito campos de concentração por que passou.

Nesse sentido, narrar sobre a vivência nos campos de concentração é uma tarefa árdua para os que passaram por essa experiência, uma vez que o indivíduo é levado ao

¹ Mestre em Letras - Literatura Comparada, pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, câmpus de Frederico Westphalen (URI-FW). E-mail: vanderleideandrade@hotmail.com

limite de sua humanidade e consiste num fato tão degradante, que destrói o maquinário da linguagem e, conseqüentemente, impossibilita a representação desses acontecimentos em sua totalidade. Além disso, evoca um passado que tentou ser apagado da memória desses indivíduos pelos seus opressores e, possivelmente, por suas próprias mentes, visto que esta é uma experiência cujas lembranças, por vezes, apresentam-se fragmentadas e confusas. Essa experiência de luta pela sobrevivência nos campos de concentração nazistas é narrada por Nichthausen, que lutou não apenas para manter-se vivo, mas também para não perder sua própria identidade e seus valores. O autor, ao contar parte de sua história, exerce uma dupla função: a de narrador-protagonista e de vítima da barbárie.

Assim, o constante contato dos prisioneiros dos campos de concentração com a situação humana precária, extremamente degradada, gerou condições para que ocorresse o trauma. O relato de Joseph Nichthausen é caracterizado por marcas do trauma gerado nos sobreviventes do Holocausto. Para estes, revisitar o passado e trazer à tona tais lembranças podem constituir em tarefas árduas, pois implica um grande empenho de recuperação das memórias apagadas ou esquecidas, e também no comprometimento moral de trazer ao conhecimento da sociedade uma parte terrível da história que tentou ser ocultada. Aliás, segundo Márcio Seligmann-Silva (2003, p. 51), Auschwitz foi uma das maiores tentativas de “memoricídio” da história, pois toda a memória de um povo tentou ser apagada.

Nesse sentido, narrar tais eventos traumáticos constitui-se numa “[t]arefa árdua e ambígua, pois envolve tanto um confronto constante com a catástrofe, com a ferida aberta pelo trauma – e, portanto, envolve a resistência e a superação da negação –, como também visa um consolo nunca totalmente alcançável” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 52). No relato de Nichthausen, percebe-se a necessidade de ele fazer esse registro para poder seguir adiante, como expressa no próprio título *Quero viver...*, cujo verbo “querer”, conjugado no tempo presente, remonta à necessidade de Joseph retomar sua vida no momento de sua fala. Para tanto, precisa registrar as “memórias de um ex-morto”, de quem esteve no limiar entre a vida e a morte, a ponto de perder qualquer perspectiva sobre o futuro.

Joseph Nichthausen foi libertado do domínio nazista em 11 de abril de 1945 pelo exército norte-americano. Após o término da guerra, ele foi para um orfanato na França, país em que aprendeu um novo idioma e estudou engenharia química. A propósito, foi na França que Joseph reencontrou sua irmã Fela. Em 1955, aos 26 anos, embarcou para o Brasil, com apenas 200 dólares e sem saber falar português. Nichthausen, bem

como muitos sobreviventes do Holocausto, optou por encontrar uma nova pátria para si, pois, segundo o autor “[n]inguém queria voltar para a terra de sua origem. Não havia para o quê, e para quem. Era melhor tentar reconstruir a vida em terras novas com outra gente” (NICHTHAUSER, 2003, p. 135). Assim, na noite de 21 de setembro de 1955, Nichthauser desembarcou no cais da Praça Mauá, no Rio de Janeiro. Logo que chegou ao país, mudou-se para São Paulo, onde conseguiu um emprego numa fábrica de plásticos, regularizou sua situação e aprendeu o idioma.

Na década de 1980, mudou-se para Belo Horizonte para trabalhar como comerciante, onde fixou residência. Nichthauser casou-se com a mineira Marta e viveu em Belo Horizonte até a sua morte, em 24 de setembro de 2010, no início de um Shabbat, o sábado judaico. Nichthauser, após ser forçado a sair de sua casa na Polônia, passar pelos campos de concentração e perder quase toda a sua família, não desejou retornar às suas origens, antes, preferiu mudar de país, de cidadania e de idioma, tanto que o seu relato não foi escrito em polonês ou ídiche, mas em português, idioma de que preferiu fazer uso para escrever a sua narrativa. A propósito, no seu segundo livro, *A morte de um carrasco* (2003), Joseph dedica o último capítulo, *Brasil – Tal como o amo*, para narrar sua chegada ao país e declarar, por repetidas vezes, o amor que sente por ele: “[t]entei agradecer a Deus por eu ter escolhido o Brasil como minha pátria” (NICHTHAUSER, 2003, p. 193). Além de mudar de país e de idioma, alguns críticos afirmam que, nos últimos anos de sua vida, Nichthauser mudou inclusive de religião, convertendo-se ao catolicismo.

Percebe-se, então, através dessas escolhas, que, após ser liberto dos campos de concentração, Nichthauser desejou desvincular-se de coisas e lugares que outrora eram tão importantes e significativos para si. Foram muitas mudanças importantes, como a saída de seu país de origem, do seu lar, a mudança de idioma, bem como o abandono do judaísmo. Aliás, para Nichthauser, embora a sua religião fosse um dos principais motivos da opressão nazista, no decorrer de seu relato, ele enfatiza por diversas vezes a sua convicção religiosa. Inclusive no seu livro, que está dividido em três capítulos, o autor traz, no início de cada seção, uma passagem bíblica, como Eclesiastes e Salmos, como forma de reafirmar a sua fé judaica, a qual tentou ser apagada pelo regime nazista. Considerando esses acontecimentos, a opção de Nichthauser por distanciar-se de suas origens e, mais do que isso, romper com muitos dos vínculos com o seu passado, como o país, o idioma e a religião, foram estratégias (inconscientes, por vezes) para o sobrevivente fugir da dor do seu passado e não reviver os traumas gerados pelo Holocausto.

A rigor, por muitos anos, Joseph optou pelo o silêncio. Ele foi liberto do horror nazista em 1945, quando estava no campo de Buchenwald. Seu livro, *Quero viver...*, foi publicado no ano de 1976. Assim, nota-se uma diferença de aproximadamente 30 anos entre os eventos ocorridos e o desenrolar da narrativa. Foram aproximadamente 30 anos de silêncio. Esta demora em narrar os fatos remete ao que Walter Benjamin (1994) relata no texto “Experiência e pobreza”, de que os soldados voltavam da guerra pobres em experiências comunicáveis. Ou seja, quem passou por uma experiência tão violenta e traumática não tem a capacidade de imediato de narrar os acontecimentos vividos, justamente talvez porque o testemunho nunca é totalizante. Em geral, os sobreviventes de barbáries como o Holocausto demoram anos até que consigam verbalizar tais acontecimentos, pois o silêncio é o primeiro obstáculo que precisa ser enfrentado para a superação da dor. Roney Cytrynowicz (2003, p. 124), a propósito, aponta que, para muitos sobreviventes, o silêncio se dá devido à “impossibilidade de entender e comunicar” a própria experiência. Já Michael Pollak (1989), no texto “Memória, esquecimento, silêncio”, menciona outros aspectos que envolvem o silêncio dos sobreviventes de eventos traumáticos.

Em se tratando especificamente do Holocausto, Pollak cita o exemplo dos sobreviventes que, após serem libertos, voltaram à Alemanha ou à Áustria e preferiram o silêncio sobre o passado como forma de melhor conviver com aqueles que assistiram a sua deportação e para não despertar sentimento de culpa neles, o que se constituiria numa proteção à minoria judaica, evitando, assim, qualquer tipo de conflito. Contudo, essa atitude é reforçada pelo sentimento de culpa que as próprias vítimas judaicas podem possuir dentro de si, pois, no começo da execução dos planos de Hitler, a administração nazista impôs à comunidade judia uma parte bastante significativa da gestão administrativa de sua política antissemítica. Na ocasião, muitos representantes da comunidade judia negociaram com as autoridades nazistas, especialmente na expectativa de alterar a política oficial, e, assim, executaram importantes serviços dentro do plano do governo alemão tais como a elaboração das listas dos futuros deportados até a gestão de trânsito e a organização do abastecimento nos comboios (POLLAK, 1989, p. 5-6). Porém, os judeus não conseguiram influenciar no plano nazista e muitos acabaram cedendo às ordens de execução desse plano. Sobre esses episódios, Nichthauser faz alguns apontamentos no decorrer de seu relato. Um deles refere-se ao período em que passou no campo de Sakrau, sobre o qual relata:

[a]lguns prisioneiros paravam, apoiando-se sobre as pás ou picaretas. Não por muito tempo. Os olhos vigilantes dos chefes de grupos só esperavam que alguém parasse para poder berrar alto, ameaçando a todos e distribuindo os pontapés à esquerda e a direita. Eram nojentos. Judeus como nós, prisioneiros também, colaborando com os alemães daquela maneira (NICHTHAUSER, 1976, p. 136).

Como denuncia esse fragmento, os próprios judeus colaboraram para manter a ordem de trabalhos forçados e castigos, tanto nos guetos quanto nos campos de concentração. Além do mais, essa colaboração se deu de forma voluntária, talvez na tentativa de autoproteção, como fazem menção as palavras de David lembradas por Nichthauser, sobre os judeus que eram chefes do grupo: “[e]les querem apenas salvar a pele agindo dessa maneira. [...] Um dia terão que prestar contas daquilo que estão fazendo agora conosco, pois ninguém os obriga a nos sorrir. Para eles é a única maneira de sobreviver” (NICHTHAUSER, 1976, p. 136). Face a esses fatos, o sentimento de culpa e a opção pelo silêncio são vias de mão dupla, pois tanto os sobreviventes quanto os que temem culpar as vítimas, ao abordarem tais acontecimentos, optam por guardar silêncio.

Além disso, existem outras razões para o silêncio dos que foram vítimas do Holocausto. Uma delas é que, para relatar essa experiência traumática, a testemunha precisa de alguém que esteja disposto a escutá-la, que disponha de tempo para ouvir a reconstrução de tais memórias. Porém, encontrado alguém disposto a fazer o papel do ouvinte, não se pode negligenciar que ainda há o medo da vítima de não ser compreendida ou de gerar mal-entendidos. Soma-se a isso a questão de muitas vítimas quererem poupar os filhos de crescer com as lembranças das feridas e dores de seus pais (cf. POLLAK, 1989, p. 6).

Exposto isso, surge uma importante questão: por que, após vários anos de silêncio, as vítimas do Holocausto decidem narrar suas memórias? Aqui, pode-se considerar as proposições feitas por Michael Pollak e Roney Cytrynowicz. Para o primeiro, passadas algumas décadas da catástrofe do Holocausto, convergem motivos políticos e familiares que contribuem para romper o silêncio do sobrevivente: “no momento em que as testemunhas oculares sabem que elas vão desaparecer em breve, elas querem inscrever suas lembranças contra o esquecimento” (POLLAK, 1989, p. 6-7). Além disso, segundo o autor, os filhos dos sobreviventes também têm o desejo de

conhecer a história de seus pais, o seu testemunho e, a partir disso, surge a atual proliferação de relatos de testemunhos e também de publicações de jovens intelectuais judeus que têm suas origens como principal objeto de pesquisa.

Por sua vez, Cytrynowicz (2003, p. 125) afirma que os “sobreviventes do Holocausto [...] sentem uma espécie de solidão insuperável, como se a memória constituísse um peso terrível do qual jamais se livrará, mas que é, ao mesmo tempo, o único registro seguro e confiável”. Além do mais, para o autor, independentemente do número de obras publicadas, a história não ampara ou consola os sobreviventes, pois o seu compromisso “pode romper a segurança afetiva da memória enquanto parte da identidade de uma pessoa ou de um grupo” (2003, p. 125). Tais ponderações sobre o rompimento do silêncio após eventos traumáticos vão ao encontro do que impulsionou Nichthauser ao elaborar a sua narrativa. Primeiramente, como o autor relatou no prólogo de *Quero viver...*, ele sentiu a necessidade de registrar suas memórias e “esclarecer aos leitores sobre a realidade daqueles anos terríveis que foram os de 1939 a 1945” (NICHTHAUSER, 1976, p. 13). Na dedicatória do livro, está claro também o incentivo por parte de sua família para que o autor relatasse suas memórias: “[à] minha querida esposa, que tanto me incentivou a escrever este livro, aos meus dois tesouros Dominique e Brigitte” (NICHTHAUSER, 1976, p. 9).

Soma-se a isso, ainda, o desejo de Nichthauser de homenagear todos aqueles que passaram pelo horror do Holocausto, tanto as vítimas que morreram quanto os sobreviventes que suportaram o duro regime nazista, e também aqueles que morreram após serem libertos (NICHTHAUSER, 1976, p. 12). Nesse sentido, o testemunho do sobrevivente dá voz aos que foram silenciados, aos que não tiveram a oportunidades de registrar suas memórias, como forma de denúncia aos atos bárbaros que tentaram ser ocultados da sociedade. Como quer que seja, essas narrativas apresentam particularidades que permitem enquadrá-las no âmbito dos relatos de testemunho.

Regina Igel, a propósito, aponta algumas características desses relatos, as quais podem ser percebidas na obra de Nichthauser, como os artifícios literários utilizados, as lacunas na memória, a fidelidade às ocorrências, denúncias e perspectivas. Quanto aos artifícios literários usados pela testemunha, nota-se que, em grande parte dos casos, esta não possui uma linguagem elaborada como se espera de um texto literário. Segundo Igel (1997), quando o sobrevivente decide narrar suas experiências, ele enfrenta “não só as dificuldades inerentes ao ato de narrar, como também a ausência de recursos lexicais – em todas as línguas – no nível infra-humano do Holocausto e de um apoio metafórico para as cenas testemunhadas” (p. 228). Por isso, depois de um lapso

de tempo entre as lembranças dos acontecimentos sob o domínio nazista e a inibição de relatar seu testemunho, a maioria dos narradores faz uso de tropos comparativos simples, recorrendo ao reino animal para suas comparações.

Essa característica pode ser observada na narrativa de Nichthauser que, por repetida vezes, faz uso desse artifício literário. O autor utiliza esse recurso ao descrever e fazer referência aos seus opressores, como nos fragmentos: “tinha um aspecto de lobo com vontade de comer carneiros” (NICHTHAUSER, 1976, p. 151), “[r]ealmente, não sei como julgar estes cachorros” (p. 136), e “[s]e eu tivesse veneno, pensei, você estaria morto em poucos instantes, seu porco nojento. [...] Vou trabalhar na cabana daqueles suínos” (p. 137). Esse tipo de comparativo serviu para o próprio Nichthauser, como quando descreveu a forma como ele, seus companheiros e os próprios soldados alemães fugiam do bombardeio americano sobre a fábrica em que trabalhavam enquanto estavam no campo de Auschwitz: “[d]e fato, todos corriam como lebres. Nunca pensei que pudesse correr tão rápido e por tanto tempo” (p. 220). E, até mesmo quando faz menção aos judeus mortos no campo de Sakrau, o autor recorre à comparação com animais: “[e]ram enterrados como cachorros, sem nenhuma cerimônia” (p. 140). Como a maioria dos memorialistas, Nichthauser não intencionava criar uma obra artística, conforme exposto no prólogo de seu livro, mas registrar suas memórias e transmitir “um legado isento de adornos, em estado de comunicação pura, simples e direta” (cf. IGEL, 1997, p. 229).

Outro aspecto proeminente em *Quero viver...* são as lacunas da memória, ou os grandes saltos temporais existentes durante a narrativa. Nichthauser empenha-se em estabelecer uma ordem cronológica, fazer uma narrativa linear de suas memórias, visto que o autor começa narrando desde a invasão de seu país, a vida no gueto e os oito campos de concentração pelos quais passou, na tentativa de estabelecer uma organização coerente e racional dos fatos. Contudo, não se pode esquecer que se trata de um tempo desenterrado da memória, e esta, por sua vez, segundo Pollak (1992, p. 203), é seletiva, isto é, “[n]em tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”. Além do mais, os prisioneiros dos campos de concentração tiveram todos os seus bens confiscados, incluindo seus relógios, como recorda Nichthauser, “[n]ão possuí[am] mais nada de pessoal” (NICHTHAUSER, 1976, p. 152), apenas as lembranças. Assim, a marcação do tempo durante o período de aprisionamento se fazia pelos meios naturais, observando o dia e a noite, as estações do ano e, também, por meio de outros recursos, como o acompanhamento mental das datas religiosas, a atenção às conversas, aos

rumores ou aos boatos sobre os acontecimentos da época e a obediência à obsessão horológica dos alçôz dos campos (IGEL, 1997, p. 228).

Contudo, percebe-se, no relato de Nichthausen, que a árdua rotina dos campos de concentração e o esgotamento físico dos prisioneiros distorciam ainda mais a noção de tempo. Conforme descreve o autor, ao observar os demais prisioneiros do campo de Bismarkhute que chegavam extenuados do trabalho, “[o]s dias pareciam não terminar” (NICHTHAUSER, 1976, p. 148). O esgotamento físico fazia com que o tempo parecesse mais longo. Agregando-se a isso, a iminência da morte e a falta de perspectiva de liberdade ou até mesmo de melhores condições faziam com que o tempo parecesse mais longo e perdesse sua definição. Na passagem a seguir, Nichthausen demonstra essa sensação em relação ao tempo:

[a]s horas não representavam nada. O tempo não estava sendo medido em horas, minutos ou segundos. O tempo não significava nada para todos. Tudo fora reduzido à simples eternidade. Comecei a compreender que um minuto representa a mesma coisa que uma hora ou cem horas. Esperar, esperar e sempre esperar as ordens (NICHTHAUSER, 1976, p. 164).

Relatar os fatos de uma circunstância em que o próprio tempo fora distorcido, acrescido a interferência da situação traumática na memória, torna-se uma tarefa bastante complexa. Embora uma das características apresentadas por Néstor Braunstein (s. d.; s. p) para os relatos de testemunho seja justamente a escrita desconexa, em que o início, meio e fim não sejam distinguidos com facilidade, Nichthausen narra suas memórias em uma sequência cronológica, linear, como se procurasse organizar os fatos, buscando estabelecer uma ordem racional e coerente para os acontecimentos, característica da narrativa descrita por Luiz Costa Lima (1989, p. 17), que afirma que, com essa organização temporal, o que era irregular e diverso, encontra uma ordem que se constitui no ato da escrita. Contudo, essa organização cronológica da escrita de Nichthausen não impediu que transparecessem as lacunas de memória, através dos saltos temporais existentes em sua narrativa.

Essas lacunas de memórias são notadas, por exemplo, na descrição que Nichthausen faz do período em que passou no campo de Sakrau, em que o autor dedica a maior parte da narrativa para descrever a sua chegada e os dois primeiros dias nesse campo. Nesse mesmo trecho, o autor comenta que o tempo havia perdido o significado

para todos os prisioneiros do campo de concentração e, em seguida, faz uma descrição muito breve sobre a vida no campo e já parte para a descrição de sua saída de Sakrau para o campo de Bismarkhute (NICHTHAUSER, 1976, p. 130-141). Enfim, o sobrevivente narra basicamente a sua chegada e a sua saída do campo de concentração. Assim sendo, muito do que se passou no período em que esteve em Sakrau não foi dito, permaneceu oculto nas memórias do autor.

Esse ocultamento não deve ser visto simplesmente como uma mera opção do escritor, mas como um sintoma do trauma. Como forma de autopreservação, o autor organizou sua narrativa, expondo aqueles episódios que não lhe causassem extrema dor. Embora vários anos tenham se passado, convém lembrar que o trauma apenas pode ser amenizado. Como esclarece Seligmann-Silva (2008), o trauma é caracterizado “por ser uma memória de um passado que não passa” (p. 69). Nesse sentido, conforme esclarece o mesmo estudioso, o objetivo do relato de testemunho não é narrar tudo o que aconteceu, já que isso seria impossível. Essa necessidade de narrar repousa num “desejo de renascer” (p. 66). Por isso mesmo, adverte ele, esse testemunho nunca é total, “só existe sob o signo de seu colapso e de sua impossibilidade” (p. 67), ou seja, é parcial e limitado.

Também, nesse particular, tão importante quanto o estudo do conteúdo das memórias, é a opção da vítima pelo silêncio. Os não-ditos têm motivos bastante complexos de serem analisados. Muitas vezes, lembranças traumatizantes ou traumatizadas esperam anos pelo momento propício para serem expressas. Logo, o silêncio encobre um imperativo ético de forma que se deve respeitar a vontade de silêncio do outro. De qualquer forma, segundo Michael Pollak (1989), existem duas razões principais para esse silêncio: uma de ordem política e outra de ordem pessoal. No primeiro caso, conforme o autor, “o longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais” (p. 5). Em âmbito pessoal, o crítico explica que, em face das lembranças traumatizantes, “o silêncio parece se impor a todos aqueles que querem evitar culpar as vítimas” (p. 6). Em determinadas situações, essas vítimas não encontram espaço na sociedade para seu testemunho e, por não encontrarem possibilidade de amenizar a sua dor ou de transformá-la em fala, acabam preferindo o silêncio.

Entre as narrativas do Holocausto, existem memórias comuns, muitas vezes vivenciadas em episódios distintos, lembradas por diversos sobreviventes. Uma recordação frequente nesse tipo de narrativa, e que surge como forma de denúncia, é a

indiferença com que a comunidade europeia não-judaica assistiu aos atos bárbaros praticados contra os judeus, e também contra outros grupos, nos países nos quais o governo nazista imperava. Em *Quero viver...*, o autor traz essa denúncia por meio da descrição de alguns acontecimentos, dentre os quais, de quando ele, juntamente com os demais prisioneiros, foi transportado para o campo de Sosnowice. Ao relembrar a chegada à movimentada estação de trem, NICHTHAUSER descreve: “[u]ma vez fora do vagão, fomos imediatamente isolados dos transeuntes que passavam *sem nos ver* e colocados numa fila” [grifo meu] (NICHTHAUSER, 1976, p. 106). Isto é, embora muitos estivessem presenciando os sofrimentos impostos aos judeus, a impressão que se tinha dos demais cidadãos era de que eles eram indiferentes àquela situação e, conseqüentemente, omitiam ajuda ou qualquer manifestação contrária contra os atos nazistas. E há também, como já mencionado, a própria denúncia contra os judeus que se aliaram ao governo de Hitler e se fizeram inimigos de seu próprio povo, por mais que essa fosse talvez uma tentativa de salvar a própria vida.

Nichthauser faz sua narrativa sob a perspectiva de um menino de 11 anos, que repentinamente viu a guerra invadir seu país e, por vezes, parecia não ter consciência de todos os fatos que se passavam ao seu redor. O autor relembra a forma de dar vazão a sua indignação e incompreensão diante dos acontecimentos: “[d]e repente não pude mais: comecei a chorar convulsivamente, como uma verdadeira criança que era. Perdi completamente a noção do que estava acontecendo” (NICHTHAUSER, 1976, p. 23). Já no final de seu livro, após a experiência de quase seis anos sob o domínio nazista, o sobrevivente expõe como seus sentimentos foram mudando. Ao saber da morte de seu irmão David, companheiro dos campos de concentração e suporte para enfrentar as diversas dificuldades, Nichthauser declara: “[n]ão conseguia chorar. Sentia a necessidade do choro para não ficar louco. Mas as lágrimas não vinhas e não vieram. Vieram sim, mas muitos anos depois!...” (1976, p. 228). O menino que chorava compulsivamente no começo do relato já não conseguia mais expressar sua dor no final da experiência nazista. Como se percebe no decorrer da narrativa, as emoções foram sendo reprimidas e, por fim, tornaram-se petrificadas pela situação extrema vivenciada.

Ao relatar suas memórias, Nichthauser parece constantemente querer destacar os aspectos “positivos” de sua experiência, com uma perspectiva bastante otimista de algumas situações. Ao fazer uma breve descrição dos campos de concentração pelos quais passou, por exemplo, o autor destaca o campo de Sucha como um “[ó]timo ambiente cultural” (1976, p. 103), esquecendo-se de que eram prisioneiros, obrigados a realizar extenuantes trabalhos forçados e com alimentação insuficiente. Já ao chegar

como prisioneiro no campo de Reigersfeld, ele expõe sua impressão sobre o lugar, destacando que “[o] aspecto era bastante agradável” (1976, 151), porém, logo em seguida, descreve a rígida disciplina do campo e a alimentação mais precária que recebera até o momento. Em Auschwitz, o mais temido e desumano de todos os campos de concentração, NICHTHAUSER, por repetida vezes, enfatiza os aspectos positivos, como o banho que tomaram, ainda sentido as dores depois de terem sido tatuados, com “[á]gua quente, sabonete e até toalhas listradas. Tudo foi agradável” (1976, p. 174), ou como sua perspectiva após se acomodar com seu irmão David no alojamento:

[e]stávamos cansados e com fome, mas felizes por chegar a termo nossa viagem através de Auschwitz. Era justamente o que estávamos pensando, que ali iria acabar a nossa jornada pelos campos de concentração. Pior do que Auschwitz, não poderia existir. Mas estávamos cansadíssimos e fracos de fome. Até a cabeça girava um pouco. Contudo, tivemos força para sorrir (NICHTHAUSER, 1976, p. 174).

Como mostra o fragmento acima, embora a situação de Joseph em Auschwitz fosse extremamente precária, ele mantinha uma perspectiva bastante otimista com relação ao futuro e, mesmo em tal situação, pôde até afirmar que se sentia feliz. Buscar e ressaltar os aspectos positivos de uma situação extrema de dor e violência em sua narrativa podem ser estratégias, talvez inconscientes, de o autor lidar de modo mais confortável e, por que não dizer, menos dolorido, com as memórias daqueles anos terríveis.

Seja como for, em *Quero viver...*, a narração desempenha uma função hermenêutica, isto é, ao contar a sua história, Joseph está tentando interpretar e entender sua experiência de vida, sua subjetividade e sua relação com o mundo. A narração, por isso mesmo, funciona ela própria como instrumento de busca para o conjunto de experiências vividas, de forma que o ato de narrar está ligado à necessidade de revelar algo. Os detalhes da experiência passada real vivida pela testemunha, ao serem colecionados e articulados, sendo respeitada a linearidade temporal e a lógica causal, passam a ter sentido e culminam na produção de conhecimento para a vítima.

Essa função de produção de conhecimento que é possível atribuir ao ato de narrar abre a possibilidade de superação de certas limitações. Com isso, essa possibilidade de interpretar é também uma tentativa de libertar-se das lembranças obscuras e negativas do passado. Essa premissa de que a narração teria efeitos positivos encontra-se num trabalho de Walter Benjamin intitulado “Conto e cura”. Nesse pequeno texto, o autor fala a respeito da mãe de uma criança doente que senta na cama e começa a lhe contar histórias. A narração teria, assim, poder de cura. Conforme Benjamin,

já se sabe como o relato que o paciente faz ao médico no início do tratamento pode se tornar o começo de um processo curativo. Daí vem a pergunta se a narração não formaria o clima propício e a condição mais favorável para muitas curas, e mesmo se não seriam todas as doenças curáveis se apenas se deixassem flutuar para bem longe – até a foz – na correnteza da narração (BENJAMIN, 1987, p. 255-256).

Com um horizonte de questionamento afim a essa reflexão benjaminiana, tem-se o pensamento de Hayden White (1994). Para o autor, o conjunto de acontecimentos do passado do paciente, que são causa do seu sofrimento, manifestados na síndrome neurótica, deixaram de ser familiares, tornando-se ameaçadores, e assumiram um sentido que ele não pode aceitar nem rejeitar. O paciente, justamente por conhecer o evento muito bem, convive com ele constantemente de modo que se lhe torna impossível ver quaisquer outros fatos, exceto aqueles que carrega na mente. De acordo com a teoria da psicanálise, o paciente supertramou esses acontecimentos, “carregou-os de um sentido tão intenso que, sejam reais ou apenas imaginários, eles continuam a moldar tanto as suas percepções como as suas respostas ao mundo muito tempo depois que deveriam ter-se tornado ‘história passada’” (WHITE, 1994, p. 103).

A solução para determinados traumas, para White, é então levar o paciente a retramar toda a sua história de vida de maneira a mudar o sentido (para si) daqueles episódios e a sua significação para a economia de todo o conjunto de acontecimentos que compõem a sua vida. Assim, a terapia é um exercício no processo de refamiliarizar os acontecimentos que deixaram de ser familiar. Como resultado, “os acontecimentos perdem seu caráter traumático ao serem removidos da estrutura do enredo em que ocupam um lugar predominante e [são] inseridos em outra na qual tenham uma função

subordinada ou simplesmente banal como elementos de uma vida partilhada com os demais seres humanos” (WHITE, 1994, p. 104).

Assim, Joseph Nichthausser recorre à narração como forma de aliviar ou ressignificar a sua dor oriunda de seu trauma. Considerando o que há em comum entre os apontamentos de Benjamin e White, pode-se dizer que, em *Quero viver... memórias de um ex-morto*, há o relato de um sobrevivente do Holocausto cujo objetivo não é simplesmente narrar o que aconteceu, mas fazer com que elementos da experiência da vítima que, a princípio, são estranhos, misteriosos e ameaçadores, passem a ser compreendidos de forma sistemática. O que importa, antes de mais nada, é a possibilidade de verbalizar (representar) o estranho e o maligno e reconhecê-lo dentro de um processo em que conflitos acontecem, mas a ordem pode ser recuperada e ressignificada.

Bibliografia

BENJAMIN, Walter. Conto e cura. In: _____. **Rua de mão única**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 255-256.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRAUNSTEIN, Nestor A. **Sobrevivendo ao trauma**. Trad. Marylink Kupferberg. s. d. Disponível em <<http://nestorbraunstein.com/escritos/index>>. Acesso em: 21. out. 2010.

CYTRYNOWICZ, Roney. O silêncio do sobrevivente: diálogos e rupturas entre memória e história do Holocausto. In: _____ (Org.). **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Unicamp, 2003. p. 123-138.

IGEL, Regina. **Imigrantes judeus/ Escritores brasileiros: o componente judaico na literatura brasileira**. São Paulo: Perspectiva; Associação Universitária de Cultura Judaica; Banco Safra, 1997.

LIMA, Luiz Costa. **A aguarrás do tempo: estudos sobre a narrativa**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

NICHTHAUSER, Joseph. **A morte de um carrasco**. Belo Horizonte: Saitec, 2003.

_____. **Quero viver... memórias de um ex-morto**. São Paulo: Rícla, 1976.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Apresentação da questão: a literatura do trauma. In: _____ (Org.). **História, memória, literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Unicamp, 2003. p. 45-58.

_____. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, vol. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.

WHITE, Hayden. O texto histórico como artefato literário. In: _____. **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. Trad. Alípio Correia de França Neto. São Paulo: Edusp, 1994. p. 97-116.